

## JUSTIFICAÇÃO E SANTIFICAÇÃO EM LUTERO:

### O ESPÍRITO SANTO NA VIDA DO CRENTE

Justification and Sanctification: the Holy Spirit in Human life

Ezequiel Hanke\*

#### Resumo

Podemos constatar que Lutero quase não faz referência de forma explícita ao Espírito nos seus escritos, no entanto, a pneumatologia perpassa toda a sua teologia. Este artigo busca apresentar e evidenciar a contribuição de Lutero para o entendimento da obra do Espírito Santo no ser humano a partir da estrutura humana no contexto trinitário. Isso acontece de uma maneira particularmente concentrada no Catecismo Maior onde Lutero faz a distinção entre justificação e santificação para enfatizar que o Espírito não só leva o ser para a fé, mas também faz permanecer na fé o ser já conservado.

**Palavras-chave:** Lutero. Espírito Santo. Catecismo Maior.

#### Abstract

We notice that Luther barely refers to the Spirit explicitly in his writings, however, pneumatology permeates his theology. This article seeks to present and mark Luther's contribution to an understanding of the work of the Holy Spirit in the human being from human structure in the Trinitarian context. This happens particularly in Luther's Large Catechism in which he distinguishes between justification and sanctification in order to emphasize that the Spirit not only takes the being to faith, but also makes the maintained being to remain in faith.

**Keywords:** Luther. Holy Spirit. Large Catechism.

#### Considerações Iniciais

É uma alegria poder fazer parte deste II Congresso Internacional da Faculdades EST que acontece dos dias 08-12 de setembro aqui em São Leopoldo/RS. Expresso igualmente

---

\* Ezequiel Hanke cursa o mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Área de concentração Teologia e História. (Bolsista CAPES) Contato: [ezehanke@yahoo.com.br](mailto:ezehanke@yahoo.com.br)

minha satisfação pela acolhida deste texto para a comunicação no ST – 14 – “O ESPÍRITO E OS ESPÍRITOS: UM DIÁLOGO INTERCULTURAL”. Apresento inicialmente a estrutura do artigo, que se divide em três partes, sendo a primeira parte uma introdução que justifica e apresenta a pertinência da abordagem temática a partir do contexto religioso atual; a segunda parte explana e situa a correlação entre justificação/santificação a partir do escrito de 1529 de Lutero, o Catecismo Maior tendo como pano de fundo a estrutura humana a partir do contexto trinitário; na última parte, apresento algumas constatações para a atualização do tema, e, dessa forma, procuro afirmar que Lutero continua atual e tem muito a contribuir para entendermos a realidade religiosa brasileira, mas não só. Lutero contribui também para uma teologia sólida, dialética e, sobretudo, para uma teologia “apologética”, que dá testemunho do Deus da vida que escuta o povo pobre<sup>1</sup>, conforme aponta o teólogo da libertação, Gustavo Gutiérrez.<sup>2</sup>

## Introdução

A pergunta pela obra e ação do Espírito Santo é questão latente na atualidade. É, ao mesmo tempo, um amplo e complexo campo, que atualmente tem sido antes tematizado pela sociologia da religião, na medida em que analisa o pentecostalismo e o neopentecostalismo, ou então, é analisado sob o aspecto da mobilidade religiosa conforme apontam estudos de Mariano<sup>3</sup> e Bartz<sup>4</sup>.

É também verdade que cada vez mais, grupos e Igrejas buscam por uma definição adequada para a compreensão e articulação da temática, talvez por serem constantemente questionadas pelo rápido crescimento e popularidade, já que, se definem como Igreja a partir da experiência direta e pessoal com o Espírito Santo.

Dessa forma, não há dúvida nenhuma, que na atualidade, crentes continuam fazendo diversas experiências com o Espírito Santo de Deus, sendo que o movimento

---

<sup>1</sup> O Conceito de pobre não é de fácil definição, porém, arrisco uma síntese: O ser pobre é o indivíduo que é privado dos seus direitos conferidos pelo Estado através da Constituição e as oportunidades lhe são negadas, consideradas insuficientes, mal distribuídas e restritas. Cf. DEMO, Pedro, *Pobreza Política*. Armazém do Ipê: São Paulo. 2006.

<sup>2</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992. 239 p.

<sup>3</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 5005. 241 p.

<sup>4</sup> BARTZ, Alessandro. *Transito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas*. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p.258-273. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/27/21>

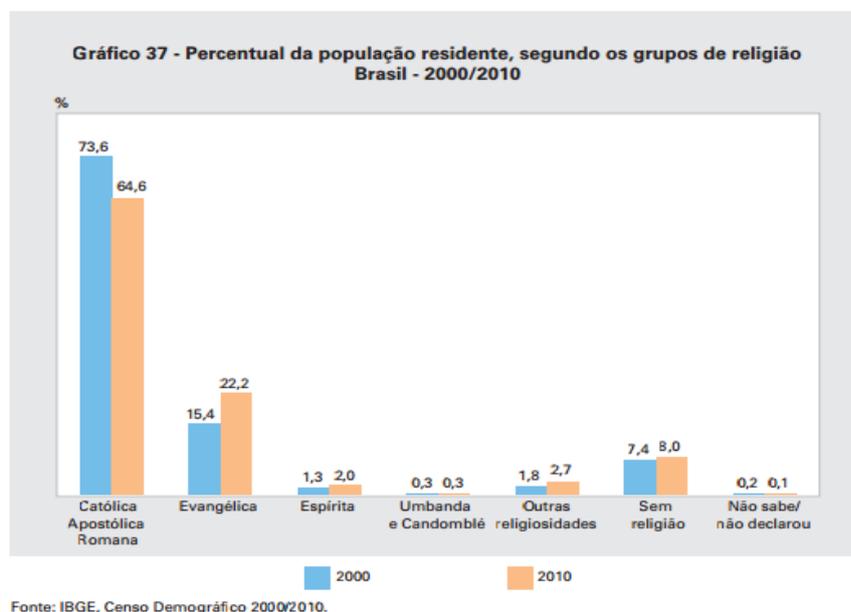
carismático representa um desafio para a existência das igrejas históricas, conforme apontam documentos<sup>5</sup> da Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

Igrejas de cunho pentecostal e neopentecostal são as que mais se difundiram mundo afora nos últimos anos. Seria isto, então, sintoma da efervescência religiosa? Será que no âmbito do protestantismo temos nos deixado influenciar por uma lógica materialista fria, que não dá espaço para experiências com o Espírito Santo?

Para o sociólogo Paul Freston o motivo para essa difusão se dá porque (1) o pluralismo (2) a secularização e (3) a democracia se apresentam como grandes desafios para a religião.

É difícil manter a hegemonia na sociedade civil porque ela é cada vez mais independente, autônoma e plural. Assim, as ditaduras, mesmo aquelas que perseguiram a Igreja, eram situações favoráveis para a manutenção da posição social da Igreja.<sup>6</sup>

Em terras brasileiras, aproximadamente 22% da população se declara como sendo pertencente a uma Igreja Evangélica, onde a maioria se encontra ligada a uma Igreja pentecostal conforme podemos conferir no gráfico<sup>7</sup> abaixo:



<sup>5</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.; ALTMANN, Walter; BOCK, Carlos Gilberto; HASENACK, Johannes Friedrich. Batismo: diálogo com o Movimento Carismático na IECLB. Porto Alegre: IECLB, 2006. 155p. (Documentos da Presidência II).

<sup>6</sup> IHU On-LINE, ano XI, nº 358, 18.04.2011, p. 44-45.

<sup>7</sup> Conforme dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: 2010, p. 93.

Juntamente com o avanço das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais que podemos acompanhar desde o Censo de 2000, pode-se observar uma espécie de “pentecostalização” das Igrejas Protestantes, chamadas históricas, ou ao menos, o surgimento de movimentos carismáticos no meio delas. Diante da estatística, é possível afirmar, que algum tipo de resposta as Igrejas Pentecostais, Neopentecostais e carismáticas estão conseguindo oferecer aos anseios das pessoas.

Também é possível observar nos dados do Censo de 2010 que a Igreja Católica e as Protestantes, historicamente se veem em uma acentuada perda de membros, possivelmente por não adotarem algum tipo de “discurso pentecostal”.<sup>8</sup> Tenho a impressão de que nessas igrejas históricas, (especialmente na IECLB da qual faço parte) falar da ação do Espírito Santo no sentido de refletir esse diagnóstico apontado em pesquisas, significa falar de um verdadeiro “tabu”. Seria, então, receio para evitar comparações, ou uma espécie de “rotulação” a ausência de um discurso, ou então uma teologia pneumatológica? Como podemos falar do Espírito Santo sem adotar um “discurso pentecostal”? Sabemos que na ótica das igrejas pentecostais e suas variantes o Espírito se dá diretamente ao crente e este contribui na aceitação.

### **O ser humano segundo Lutero**

No Catecismo Maior, escrito publicado em 1529, Lutero enfatiza que o Espírito Santo é o “santificador”, ou seja, o Espírito Santo é quem conduz a pessoa crente ao Cristo afim de que Dele receba os bens, os quais a pessoa não pode obter por si mesma. Assim, a pessoa crente é tornada santa e recebe a obra salvífica de Cristo, que perdoa os pecados diariamente, até a ressurreição dos mortos e a vida eterna.

Quando o assunto é abordado a partir da Trindade de Deus, então especialmente o ser humano também é envolvido na discussão, porque toda tese sobre Deus implica em uma afirmação sobre o ser humano e vice-versa, porque Deus “é por nós”.<sup>9</sup> Convém então, discutirmos como Lutero compreende a estrutura humana e de que forma age o Espírito no ser humano enquanto indivíduo.

---

<sup>8</sup> DIETZ, Martin. *De Libertate et Servitute Spiritus: Pneumatologie in Luthers Freiheitstraktat*. Erlangen-Nürnberg, (Alemanha), 2011. p. 8-13. (Tese Doutorado).

<sup>9</sup> BULTMANN, Rudolf Karl. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 184.

Parece-me que Lutero entende, num primeiro momento, o ser humano como sendo constituído em três partes [tricotomia]: corpo, alma e espírito, da mesma forma que Orígenes e Jerônimo o entendiam. Há também o modelo proveniente do helenismo que entende o ser humano em duas partes, corpo e alma [dicotomia]. Este modelo era seguido pela maioria dos teólogos medievais. Não há grandes diferenças entre o entendimento “dicotômico” ou “tricotômico” do ser humano.

[...] “tricotomia” ou “dicotomia”, em ambos os casos o ser humano é visto como constituído de camadas que se distinguem não só pela função, e, sim, também pelo valor: haveria uma parte superior e outra inferior no ser humano, uma mais próxima de Deus e outra mais ligada às coisas terrenas. Não raro o corpo passou a ser visto como a prisão da alma espiritual, da qual esta deveria libertar-se. De uma forma ou de outra atribuía-se ao ser humano estrutura nitidamente “hierárquica”.<sup>10</sup>

A partir das suas pesquisas bíblicas, principalmente em Paulo, Lutero começou a ver que o apóstolo via o ser humano como “carne” e começou a não se referir ao ser humano de uma forma divisível [corpo, alma e espírito], entendendo dessa forma também o ser humano como um ser totalmente carnal, afirmando que o espírito, a razão, o coração, tudo são expressões desse ser carnal, humano, como criatura de Deus. A partir de então, Lutero não eleva o ser humano para acima do seu próprio nível, carnal, começa a se referir ao ser humano somente como carne e espírito.

O próprio Lutero aponta para as duas naturezas do ser humano

[...] toda pessoa cristã possui duas naturezas: uma espiritual e outra corporal. Tendo em vista a alma, ela é designada de ser humano espiritual, novo e interior; segundo a carne e só sangue, é chamada de ser humano corporal, velho e exterior.<sup>11</sup>

Lutero entende, pois, o ser humano “carne”, como aquele que se rebelou contra Deus, e por isso, pecador, enquanto que o espírito é o ser humano que está em obediência a Deus. Por isso que viver no espírito significa viver pela fé. Existem, pois, os dois lados no ser humano, o velho homem, mas também o novo, justificado em Cristo. A esta duplicidade que Lutero se refere e a mantém na sua teologia de forma *simul*. Em síntese, significa que a

<sup>10</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2002. p. 109 [grifos do autor].

<sup>11</sup> LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*; tradução de Walter Altmann – 5ª Ed. – São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 8.

pessoa precisa ainda conviver com o velho Adão, pecador, mas ao mesmo tempo, sempre de novo ressurgir no perdão e na esperança da salvação em Cristo.<sup>12</sup>

Vale salientar que Lutero, ao falar do ser humano, tem em vista o ser humano perante Deus, não o ser humano nas suas relações sociais. Trata-se da popular questão, de onde venho e para onde vou? Então, cabe-nos, portanto, perguntar o que Lutero entende por livre arbítrio? Já que ele jamais quer induzir que o ser humano está preso a si de forma que não pudesse depender da graça de Deus que o justifica diante do pecado. Lutero não nega o arbítrio, ele entende que “[...] não existe para nós homens [ser humano] uma liberdade maior do que querer e fazer com prazer aquilo que Deus quer.”<sup>13</sup> Isso significa, contudo, assumir a causa do Reino de Deus, sem que esse assumir seja algo imposto, mas ao mesmo tempo é um assumir o Reino à vontade própria, de forma livre e espontânea.

Brakemeier, ao expor sobre o assunto, fala da liberdade passiva e ativa. Passiva é a liberdade do ser humano em relação a Deus. Isso se dá na liberdade para ser amado, no sentido de acolher o amor de Deus por nós, mas isso exige ação: aprender a fé, o amor a esperança, ou seja, implica em seguimento a Cristo. A fé é puramente dádiva de Deus, é graça, (*sola gratia*) mas não acontece sem a pessoa.<sup>14</sup>

Da mesma forma isso se dá quando falamos da salvação, sendo que o ser humano não consegue “alcançar” a sua salvação junto a Deus. Essa é a liberdade passiva, a que responde em amor (*ágape*) e gratidão o chamado de Deus. A liberdade ativa é aquela que transforma esse amor e gratidão em resposta e manifesta isso nas relações sociais. É a liberdade que me leva a prática da diaconia, que manifesta a fé em práticas de reconciliação, transformação e justiça para com meus irmãos/as.

Lutero escreve no seu tratado a respeito da liberdade cristã: “A partir de tudo isso, chega-se à conclusão de que a pessoa que é cristã não vive em si mesma, mas em Cristo e no seu próximo – em Cristo pela fé; e no próximo, pelo amor.”<sup>15</sup>

Quanto ao pecado, Lutero o entende como um “ato coletivo” de todas as partes humanas. A partir disso, ele começa a valorizar no seu pensamento a corporalidade humana

<sup>12</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 111.

<sup>13</sup> BRANDT, 1985, p. 73.

<sup>14</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 116-117.

<sup>15</sup> LUTERO, 1998, p. 47.

e tudo o que vem junto dela, por exemplo, o pão de cada dia, as necessidades biológicas, etc. Tudo podemos encontrar na sua explicação acerca do primeiro artigo da oração do Pai Nosso nos seus Catecismos. Por ser pecador, o ser humano carece da graça e do amor de Deus. Esse Deus, que por intermédio do seu Filho, nos justifica. O justo se torna pecador para transferir aos pecadores a sua justiça.<sup>16</sup> Sem Deus, o ser humano, pobre, pecador, não pode ser nada. Mas, com Deus, o ser humano participa da Sua glória. O ser humano não precisa carregar o fardo sobre si, de ter que salvar a si próprio e o mundo, mas acima de tudo é chamado a confiar na bondade de Deus e com o auxílio e a ação do Espírito Santo traduzir essa confiança em amor ao próximo e serviço, como já dito acima, em diaconia. O amor e serviço ao próximo é o mais nobre sinal de que o ser humano é portador do Espírito.<sup>17</sup>

O ser humano é, contudo, alguém que está em condições de organizar a sua vida social, administrar as coisas desta vida, como o próprio Lutero o afirma, e no âmbito secular lhe é solicitado o bom senso, ou somente, o que convém. Mesmo que o ser humano é corruptível, isso não impede que ele possa se organizar e tenha senso para a justiça civil e administrá-la. O ser humano é racional, pois ele age com a razão e é crente, pois a sua razão é renovada e reorientada à luz da palavra de Deus. Desse modo, a vida do ser humano é conduzida pelo Espírito de Deus.<sup>18</sup>

A isso, Lutero questiona: Quem afinal é o ser humano? E responde: Ele é o representante e mandatário de Deus na terra,<sup>19</sup> mas um ser que em todos os sentidos necessita da libertação de seus cativos babilônicos, mediante a graciosa mão que Deus lhe estende por meio de Jesus Cristo.<sup>20</sup>

Dessa forma, Lutero entende a “santificação” como sendo a obra de Deus, o Espírito Santo que cria e mantém o crente na fé. Embora a justificação inclua o perdão dos pecados e a promessa da vida eterna, os justificados permanecem pecadores. Eles são “*simul justus et peccator*”, por isso precisam de forma constante da renovação e santificação, que por sua vez

---

<sup>16</sup> ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Ática, 1994. p. 65.

<sup>17</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 119-121.

<sup>18</sup> BAYER, 2007, p. 114ss.

<sup>19</sup> BAYER, 2007, p. 114

<sup>20</sup> BRAKEMEIER, 2002, p.125.

é obra do Espírito Santo.<sup>21</sup> Justificação e santificação devem, pois, ser distinguidas, mas não separadas uma da outra. A santificação segue a justificação, diz respeito do Espírito Santo.<sup>22</sup>

### Considerações Finais

Concluo apresentando algumas afirmações diante do apresentado salientando que na parte inicial apresentamos modelos de igreja – tematizados pela sociologia - pautados pela ação direta do Espírito no indivíduo - a partir da mobilidade religiosa; na sequência, a compreensão de Lutero acerca da estrutura do ser humano/indivíduo; por fim, a justificação e santificação do ser humano crente a partir da fórmula de Lutero do “*simul justus et peccator*” procurando enfatizar a ação de Deus é unicamente descendente, ou seja, não há participação humana. Dessa forma:

- Igrejas pentecostais, neopentecostais e movimentos carismáticos oferecem respostas aos anseios das pessoas por “experiências com Deus” conforme visto na introdução deste trabalho;
- Igrejas históricas, em grande parte encontram-se afetadas e em crise com esse diagnóstico com a crescente perda de membros para Igrejas de cunho mais carismático;
- Apesar da crise, uma séria e comprometida renovação da igreja, ligada à ação direta do Espírito Santo no ser humano, não deveria, pois, menosprezar os meios externos, ou seja, a palavra e os sacramentos; igualmente não deveria se desligar daquilo que é institucional, porque senão poderia ser antes uma depravação. São os meios externos que garantem a ação do Espírito para que a Igreja seja conservada na sua função correta de promover a causa de Cristo.
- Com isso, podemos finalizar citando a base “*sola scriptura*” que deve ser compreendida e interpretada à luz da doutrina do Espírito Santo, o qual apesar dos meios pelos quais se comunica a nós, nunca se torna posse para nós crentes - comunidade. O Espírito Santo é renovador da Igreja porque é “*spiritus creator et vivificans*”, conforme aponta Regin Prenter<sup>23</sup>. É neste Espírito que a Igreja permanecerá unida enquanto corpo de Cristo e manterá vidas em comunhão.

<sup>21</sup> GASSMANN, Guenther; HENDRIX, Scott. *As confissões luteranas: introdução*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2002. p. 84-85

<sup>22</sup> GASSMANN; HENDRIX, 2002. p. 157ss.

<sup>23</sup> PRENTER, Regin. *Spiritus Creator*. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1953. 311 p.

Portanto, o Espírito Santo, pois, não está onde mais se fala dele, mas onde se dá testemunho (*martyria*) de Jesus Cristo. Assim sendo, é tarefa da teologia e da igreja, preservar a base “*solus Christus*”, defendida por Lutero e dessa forma, contribui para a libertação do pobre.

## Referências

ASENDORF, Ulrich. *Heiliger Geist und Rechtfertigung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

BAYER, Oswald. *Viver pela fé: justificação e santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2002. 220 p.

FISCHER, Joachim. *O Homem – Um entusiasta? A atualidade do tema Lutero e os entusiastas*. In. DREHER, Martin N. (apres.). *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia, 1981. v.2, p. 64-69.

GASSMANN, Guenther; HENDRIX, Scott. *As confissões luteranas: introdução*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2002. 214 p.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.; ALTMANN, Walter; BOCK, Carlos Gilberto; HASENACK, Johannes Friedrich. *Batismo: diálogo com o Movimento Carismático na IECLB*. Porto Alegre: IECLB, 2006. 155 p. (Documentos da Presidência II).

HEUBACH, Joachim. LUTHER-AKADEMIE RATZEBURG. *Der Heilige Geist: oekumenische und reformatorische Untersuchungen*. Erlangen: Martin-Luther-Verlag, 1996.

LUTERO, Martim. *Catecismo Maior do Dr. Martin Lutero*. São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre, RS: Concórdia, 2012. 136 p.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 241p

PRENTER, Regin. *Spiritus Creator*. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1953. 311 p.

SCHMIDT, Kurt Dietrich. *A presença de Deus na História*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). *Batismo: teologia e prática*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006. 226p.